

## A AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA DO “SER” NEGRO NA OBRA *SOU NEGRO* DE NILDO LAGE

Valeska Nogueira de Lima<sup>1</sup>  
André Augusto Diniz Lira<sup>2</sup>

### Resumo

Desde a infância há a internalização de modelos com base nas informações recebidas pelo meio em que a criança está inserida e, dessa maneira, ocorre o processo de construção da identidade. A presença do negro em obras literárias pode ser percebida como um importante veículo da cultura e na construção e reconstrução identitária, tendo em vista que a construção da identidade da criança está ancorada nos referenciais que são apresentados a ela ao longo da formação da sua personalidade e na construção da visão de si. Neste trabalho objetivamos discutir a reconstrução e afirmação identitária do negro por meio da obra “Sou negro” de Nildo Lage (LAGE, 2008). O livro apresenta uma discussão e problematização do lugar do negro na sociedade no decorrer da história e o enfrentamento do racismo no contexto social e histórico. A obra enfatiza as possibilidades de vida e cultura afro-brasileira que, apesar das barreiras sociais, a resistência contribuiu para a modificação dos destinos que, historicamente, foram impostos aos negros. O livro apresenta ao leitor a problemática do estigma da cor enfrentada pelo negro desde o período da escravidão aos dias atuais, apontando para a necessária construção do sentimento de pertencimento e a desconstrução da visão estereotipada do negro. O preconceito racial existe e devemos valorizar a identidade afro-brasileira para que os negros tenham condições de se reconhecer. A escola precisa proporcionar o diálogo e o enfrentamento das questões que emergem de uma prática curricular que, em geral, se coloca como excludente.

**Palavras-chave:** Identidade negra, reconstrução identitária, reconhecimento identitário, literatura infanto-juvenil.

### Introdução

A construção da identidade dos sujeitos é algo bastante complexo devido às interações sociais que são vivenciadas cotidianamente de forma coletiva, assim como individual. Nesse sentido, o ambiente escolar, por ser considerado um espaço significativo para aprendizagens, se apresenta como espaço de transformação e formação crítica, mas também pode se configurar como um ambiente onde ocorre conflitos e exclusões que acabam sendo naturalizados pelas práticas sociais.

Nessa direção, notamos a busca pela homogeneização na sociedade, enfatizando a construção de uma identidade única, ancorada na legitimação de determinados padrões culturais de caráter eurocêntrico. No entanto, faz-se cada vez mais necessário e urgente a construção da identidade pautada na diferença. E no contexto da cultura negra, as diferenças

---

<sup>1</sup> Professora do município de Fagundes-PB. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande (PPGED-UFCG). E-mail: valeskanlima@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande (PPGED-UFCG). E-mail: andreaugustoufcg@gmail.com

precisam ser reconhecidas na história, na cultura, na resistência e na constituição do pertencimento racial.

Portanto, discutiremos ao longo desse artigo a relevância da valorização e da reconstrução identitária do negro como formas de desconstruir as imagens depreciativas e estereotipadas do negro em prol da promoção do reconhecimento de si e do outro. Em seguida abordaremos brevemente o negro na literatura infanto-juvenil. E por fim, faremos uma análise do livro *Sou Negro*, da autoria de Nildo Lage e ilustrado por Alessandra Gomes, que aborda a problemática do estigma da cor enfrentada pelo negro desde o período da escravidão aos dias atuais, apontando para a necessária construção do sentimento de pertencimento e a desconstrução da visão estereotipada do negro.

### **Identidade negra: valorização e reconstrução**

A construção da identidade da criança se dá de forma processual ao longo do seu desenvolvimento e da sua vivência no meio em que se encontra inserida. Essa construção pode receber a influência de instituições como a escola devido às ações interativas que ocorrem nesse ambiente. Em conformidade com Castells (1999, p. 22) a identidade pode ser compreendida como o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.”

A construção da identidade considera o sujeito como histórico, cultural e localizado geograficamente, no espaço e no tempo. (MARIOSIA; REIS, 2011). Assim, além de perceber a identidade como constituída nas relações sociais, ela deve ser vista como algo que está sempre em movimento e em transformação.

Em nossa sociedade percebemos a incorporação de perspectivas eurocêntricas em diversificados aspectos, criando padrões que são colocados para todos, independentemente de sua etnia. Dessa maneira, inserido numa sociedade que toma como padrão ideais europeus, o negro não adquire referenciais que possam fazê-lo se perceber como pertencente ao meio social. Sendo assim, a identidade da pessoa negra tende a se transformar numa identidade frustrada, conduzindo-a a buscar o ideal do branqueamento que é imposto pela nação, negando, assim, a sua condição. (MUNANGA, 2004).

Nesse sentido, a construção da identidade da criança negra ao se deparar com a imagem legitimada da pessoa branca como padrão cultural tende a ser impedida de reconhecimento de si e na

afirmação com a etnia de origem, além de gerar na criança branca a confirmação de que a cor da sua pele é legitimada nas relações sociais.

Assim, a construção da identidade no contexto educacional requer o compromisso da escola para que possa proporcionar ao aluno a aprendizagem de novos conceitos ancorados na valorização de si e do outro. Nessa direção, no que concerne ao reconhecimento e respeito às diferenças dos negros, podemos destacar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, ao enfatizarem que

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra. (BRASIL, 2004, p.12)

A construção da identidade negra numa perspectiva positiva no contexto escolar é um processo difícil, mas que faz-se relevante para a superação das consequências à autoestima dos alunos negros que permanecem ao longo de suas vidas.

Para tanto, em corroborando com Garcia (2007, p. 28) enfatizamos que

É preciso resgatar, mesmo que de forma panorâmica, a luta que vem sendo empreendida, ao longo da história do Brasil, pela população negra pela liberdade, pela família, pela dignidade no trato, por educação, por salários dignos etc., considerando, historicamente, essa ordem nas reivindicações. Torna-se fundamental para que se estabeleça outra imagem sobre o negro – que não a paradoxal representação, do ora pacífico/ submisso ou brutalizado/ agressivo.

## **O negro na literatura infanto-juvenil**

A literatura infantil no Brasil tem sido marcada, desde os seus primórdios, por uma forte influência da cultura europeia, notadamente branca e legitimadora de relações sociais racistas. A figura do negro como personagem foi, por muito tempo, praticamente inexistente ou colocada em um lugar de marginal, refletindo e forjando a dinâmica da sociedade. A partir da década de 1980, a produção de livros que apresentavam os negros como personagens principais começou a ganhar relevo, ainda que em uma proporção incipiente.

Nessa perspectiva, as obras literárias, na escola, podem ser importantes veículos da cultura, da reflexão sobre a ética nas relações sociais e de poder, como ainda na construção e reconstrução identitária, assim, convém enfatizar a função humanizadora da literatura, ou seja, “a capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem”. (CANDIDO, 1972, p.81). No que concerne à literatura afro-brasileira ressaltamos que esta pode contribuir para uma construção positiva da identidade da criança negra, além de provocar na criança branca a valorização e a consciência em relação à diversidade (MARIOSA; REIS, 2011).

O trabalho com a literatura infantil possui papel fulcral na formação da personalidade da criança, pois está voltada para a constituição de cidadãos críticos e reflexivos. Devemos ressaltar também que a literatura infantil ao focar as relações sociais proporciona a conscientização sobre a existência de si e do outro.

Sendo assim, a escola assume a condição de espaço privilegiado para a formação dos sujeitos e seu desenvolvimento integral. O trabalho com livros cujos protagonistas são negros deve estar presente no contexto da sala de aula, tendo em vista que o uso desses livros pode contribuir com a formação de uma identidade positiva do negro e a sua valorização no meio social, além de proporcionar a todos os alunos a reflexão e o posicionamento crítico acerca da diversidade cultural que temos em nosso país, de maneira que seja rompida com a visão estereotipada e preconceituosa em relação aos negros.

A literatura infanto-juvenil colabora na construção da identidade da criança, “num processo de transferência, os pequenos se colocam no lugar dos heróis e vivenciam as sensações dos personagens” (CASTILHO, 2004a, p. 108). Na construção da identidade os referenciais que são apresentados à criança são de fundamental importância, tais como os brinquedos, as histórias infantis, assim como os desenhos animados e os filmes que são fortemente colocados no universo infantil.

Dessa forma, com a presença dos personagens negros na literatura infantil buscou-se romper com as representações que inferiorizavam o negro, por isso destaca-se o significativo papel desempenhado pela literatura infanto-juvenil: dar condições para que o negro seja aceito e valorizado, tornando-se um cidadão crítico e consciente capaz de intervir em seu meio social e reagir às injustiças. Além disso, corroborando com Bruner (2001, p. 42), “o ideal, obviamente, é que a escola tenha por objetivo propiciar um ambiente em que nosso desempenho acarrete menos consequências que ameacem nossa autoestima do que no ‘mundo real’, presumivelmente a fim de incentivar o aluno a ‘tentar as coisas’”.

Considerando a relevância da afirmação identitária por meio da literatura infanto-juvenil, analisaremos o livro *Sou negro* da autoria de Nildo Lage e ilustrações de Alessandra Gomes, publicado pela editora Prazer de ler em 2008. O livro problematiza as formas de ser negro em decorrência da situação histórica da escravidão no passado, bem como pelo racismo ainda presente no contexto social brasileiro.

A narrativa é construída por afirmações em defesa do negro, retratando a história de um povo e sua luta pelo reconhecimento como sujeito de direitos. E nesse aspecto, ressaltamos que “a importância da narrativa para a coesão de uma cultura é tão grande, muito provavelmente, quanto o é na estruturação da vida de um indivíduo” (BRUNER, 2001, p. 44).

Inicialmente, destacamos que o livro nos apresenta imagens com cores fortes e escuras que não devem ser desconsideradas na compreensão da narrativa, pois a linguagem visual adquire relevância na literatura infanto-juvenil.

A narrativa do livro está organizado em páginas duplas, em que os textos e as imagens são inseridos nesse espaço considerado um “campo fundamental e privilegiado de registro” (LINDEN, 2011, p. 65). O autor faz uso da página dupla ora para dar continuidade a uma determinada ideia, ora para apresentar um contraponto entre duas situações.

Assim, ao analisarmos a capa do livro notamos a presença da representação de diferenças entre os negros, esse aspecto demonstra a diferenciação entre os sujeitos de uma mesma etnia na perspectiva do autor.

Na folha de rosto do livro notamos no plano de fundo a mesma imagem da capa demonstrando a diversidade entre os negros e no plano inicial da imagem vemos de um lado, o negro escravizado, e de outro uma mulher livre, apresentando um contraponto entre a opressão e a liberdade, marcas históricas que marcaram o passado do negro.

A página inicial do livro traz a repetição do título do livro numa página decorada com traços africanos. A repetição da expressão *Sou negro* indica uma forma de expressão de pertencimento, como uma bandeira levantada pelo autor para defender sua identidade.

Subsequentemente, em primeiro plano, nas páginas 2 e 3<sup>3</sup>, a imagem retrata um homem branco, vestido com roupas também brancas, usando gravata e um chapéu sobre a cabeça. O homem da imagem apresenta um olhar de interesse em um pacote de moedas oferecido por uma mão de uma pessoa de pele branca que usa uma camisa de manga comprida. No segundo

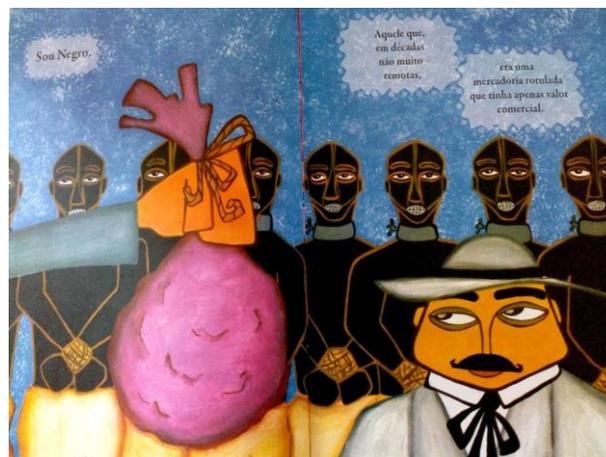
---

<sup>3</sup> A numeração das páginas do livro foram atribuídas pelos autores como forma de ordenar a análise da obra.

plano da ilustração percebemos a representação dos negros como sujeitos iguais entre si nos aspectos físicos (como a cabeça, os olhos, o nariz), apresentados sem camisa, com mordaças na boca, acorrentados no pescoço e com as mãos amarradas com corda. Essa imagem dos negros retrata a desumanização com que eram tratados os escravos, como seres sem voz, sem identidade e sem direitos. O texto presente nas páginas em apreço enfatiza a visão do negro como “uma mercadoria rotulada que tinha apenas valor comercial” (LAGE, 2008, p. 2).

Ao observarmos criticamente notamos que as mãos amarradas dos negros se contrapõem à mão livre do homem branco que oferece o dinheiro em troca da sua mão de obra. Nesse sentido, o valor da pessoa negra por trocado por um pacote de moedas. Conforme figura abaixo:

**Figura 1**

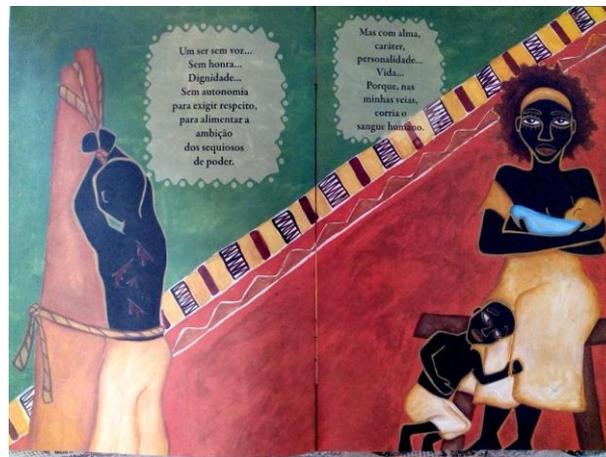


Lage (2008, p. 2-3)

Em seguida, notamos o reforço da imagem retratada anteriormente pelo discurso na narrativa que diz apresenta o negro como “um ser sem voz... Sem honra... Dignidade... Sem autonomia para exigir respeito, para alimentar a ambição dos sequiosos de poder”. (LAGE, 2008, p. 3). Na imagem da página dupla é apresentado o negro amarrado no tronco de uma árvore e com o corpo marcado por feridas, de frente para árvore, seu rosto não poder ser visto, pois é tratado como um ser sem importância e sem identidade. Do outro lado da página é apresentada uma mulher negra (livre do tronco) sentada sobre um banco de madeira amamentando um bebê de pele branca, enquanto seu filho está no chão, segurando a barra do vestido da sua mãe, marcado por uma expressão de tristeza, de abandono e de falta de afeto, sobretudo partilhando da opressão sofrida pela sua mãe (ver figura 2).

Nesta imagem (figura 2) há uma referência à mulher negra como uma ama de leite<sup>4</sup> que ao amamentar uma criança que não é sua é impossibilitada de conceder afeto e atenção ao seu próprio filho em decorrência da posição social ao qual é relegada na sociedade escravocrata. Ao mencionar que “nas minha veias corria o sangue humano” (LAGE, 2008, p.4), há uma referência ao leite que é produzido no corpo da mulher para gerar o alimento de uma criança branca, possivelmente filha dos senhores de muitos escravos. A mulher negra é tomada como objeto de amamentação, em que, mesmo não sendo percebida e tratada como humana, o seu leite materno serve para saciar a fome e as necessidades de um bebê que não nasceu de seu ventre, mostrando que a escrava é tão humana quanto os brancos que a oprimem.

**Figura 2**



Lage (2008, p. 4-5)

Em continuidade é retratado o protagonismo do negro na resistência a sua situação de escravizado, a imagem da corrente quebrada por cima do mapa da África denota a libertação dos negros como resultado de muitas lutas e demonstrando que, mesmo diante da opressão ao qual foram submetidos não se tornaram passivos a essa situação, sendo, então, o agente da libertação. O texto enfatiza que “sou negro. Aquele que conquistou a liberdade, o direito de igualdade [...]” (LAGE, 2008, p. 6), a conquista dos negros partiram de suas próprias lutas, em contraposição ao que é perpetuado acerca da libertação dos escravos ter sido um benefício concedido pelos homens brancos da época da escravidão, num contexto marcado por interesses econômicos e comerciais que aceitaram a libertação dos escravos, mas não ofereceram nenhuma condição digna de sobrevivência para o negro na sociedade.

<sup>4</sup> Mulher encarregada de amamentar um filho de outra mãe quando esta se encontra impossibilitada de exercer tal ação.

Vale ressaltar que durante muito tempo na sociedade brasileira foi enfatizada a história do africano escravizado como um sofrimento encarado de forma passiva, e essa concepção gerou uma crença que interfere no imaginário construído a respeito dos nossos antepassados africanos.

Após a abolição da escravatura os negros foram relegados a uma situação de miséria e exclusão, principalmente no mercado de trabalho, legitimando-se, assim, a discriminação racial, mantida pelos benefícios simbólicos e materiais que a população branca obtém da desqualificação competitiva do grupo negro. Conforme Bento (2002), após a escravidão os brancos usufruíram de uma herança com marcas positivas, resultante da apropriação do trabalho escravo e dos benefícios obtidos durante séculos, numa verdadeira violação dos direitos humanos, enquanto o negro ficou submetido à própria sorte, sendo colocado diante da superioridade do branco numa sociedade cujo processo de modernização impregnava ideias preconceituosas com relação aos negros. Assim, a autora ressalta que “a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a autoestima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social.” (BENTO, 2002, p. 25).

Dessa maneira, o negro, mesmo diante das injustiças e sofrimentos passados, conseguiu se adaptar ao meio escravizador para resistir a ele.

No entanto, ao afirmar que “[...] porém continua preso ao preconceito, recriminado pelo passado de dor, de humilhações... de vergonha” (LAGE, 2008, p. 6), ressalta que mesmo diante da libertação a opressão passou a ser colocada sob outros aspectos como a discriminação e a humilhação. Isto significa que foi superada a opressão do ponto de vista físico, mas no plano simbólico inúmeras formas de opressão continuaram marcadas na vida dos negros.

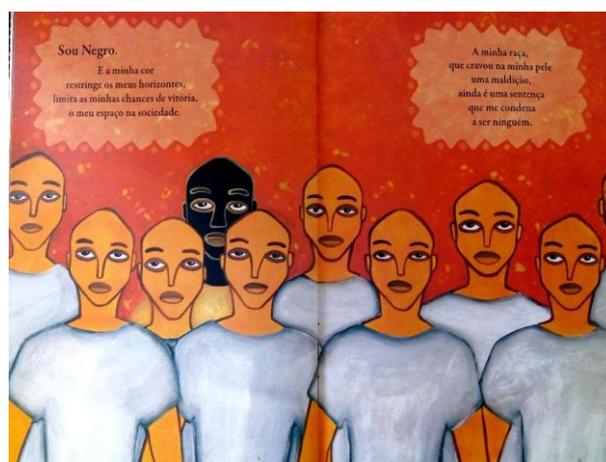
Portanto, a imagem das correntes colocadas de um lado da página representam a opressão da escravidão mesmo diante da libertação e, do outro lado a imagem de um coração segurado por uma mão negra demonstrando sua humanidade. Esse aspecto trazido pelas imagens é enfatizado pelo texto que diz: “no meu peito bate um coração impulsionado por um sentimento nobre chamado amor” (LAGE, 2008, p. 7).

Em seguida nos deparamos com a imagem de um negro como se fosse um papel sendo rasgado ao meio. Esse aspecto denota a desvalorização do sujeito negro no âmbito da discriminação e do preconceito racial. O texto reforça essa visão ao destacar que “não sou reconhecido, valorizado...” (LAGE, 2008, p. 8).

A partir desse ponto da narrativa a cor da pele é colocada por Lage (2008) como um aspecto que invisibiliza a existência da pessoa negra. Nesse aspecto, a cor da pele recebe uma essencialização por parte do autor, conduzindo a narrativa a uma dimensão essencialista, sob a égide de uma visão que condena o negro por sua própria morfologia e fisiologia a jamais poder ser digno dos mesmos direitos e privilégios da pessoa de pele branca. Entendemos, então, que ao mesmo tempo em que o autor problematiza que a cor da pele é um aspecto que causa a limitação da participação dos indivíduos na sociedade, outros aspectos também devem ser levados em consideração, como a pobreza, a cultura, o grau de escolaridade. Porém, o autor opta por gerar um essencialismo ligado à cor da pele e exclui de sua problematização os demais mecanismos de exclusão e do preconceito. Em outras palavras, a multidimensionalidade do caráter excludente presente na sociedade é transformada em um aspecto unidimensional, pautado apenas na cor da pele.

Nas páginas que dão prosseguimento à narrativa a imagem dos negros apresentados em primeiro plano demonstra uma igualdade entre eles, enquanto no segundo plano da página o negro surge como sendo apenas um em meio aos demais na sociedade, afirmado que “a minha cor restringe os meus horizontes, limita as minhas chances de vitória, o meu espaço na sociedade” (LAGE, 2008, p. 10). De acordo com o autor, a cor da pele do negro o condena a ser ninguém no meio social, invisibilizado nas instituições e nos espaços sociais (figura 3).

**Figura 3**



Lage (2008, p. 10-11)

Após ter feito a discussão acerca dos entraves sociais sofridos pelos negros, o livro introduz a dimensão cultural na discussão ao apresentar a imagem de uma mulher negra vestida como rainha e uma outra com trajes típicos da cultura africana. Além disso, o berimbau é enfatizado por ser um instrumento de

origem angolana utilizado em rituais e danças típicas. Também são representadas como elemento da cultura africana as máscaras usadas em no rituais como um disfarce para a incorporação dos espíritos e para adquirir forças mágicas. Nesse sentido, faz-se necessário reconhecer que os aspectos culturais de herança africana estão presentes na nossa formação cultural.

A linguagem verbal das páginas 12 e 13 merecem ser destacadas por colocar que, mesmo tendo contribuído para a formação história e cultural do nosso país, ainda é desconsiderada em sua riqueza e significados e expressões. Lage (2008, p. 12) ressalta que “sou negro. Aquele que, entre chibatadas e vexações, plantou a cultura de um país”. Além disso, “com o meu suor, reguei a riqueza de um povo. Com a força dos meus braços, edifiquei a grandeza desta nação que ainda me martiriza e desconhece o meu valor” (LAGE, 2008, p.13).

Por fim, o livro retrata o ser genérico do negro no que se refere aos aspectos físicos (formato da cabeça e o dos olhos, lábios volumosos) em contraposição ao texto que clama pelo reconhecimento do negro como ser humano e de direitos.

**Figura 4**



Lage (2008, p. 14)

Nas imagens do negro apresentadas no livro percebemos a existência de duas formas de representação, o negro em sua diversidade e o negro como ser genérico, iguais entre si nas características físicas. Esse aspecto tem a intenção de mostrar as diferentes formas de percepção do negro em nossa sociedade, sendo a segunda a mais propagada pelas imagens nas mídias e a primeira a buscada pelos que sofrem com os estereótipos difundidos no meio social. Portanto, corroborando com Linden (2011, p, 44) ressaltamos que “já não é possível continuar evocando as imagens de maneira independente umas das outras. As imagens do livro ilustrado estão necessariamente ligadas umas às

outras, seja diretamente no espaço da página dupla, seja no âmbito do livro”.

### **Considerações finais**

No contexto atual não podemos desconsiderar a continuidade de relações racistas e desiguais entre negros e brancos em nossa sociedade, esse aspecto negativo conduz à hierarquização de determinados grupos sociais. Assim, entende-se a identidade negra enquanto uma construção coletiva que ao se tornarem conhecedores de sua história, não somente dos sofrimentos vivenciados pelos escravizados, mas principalmente das lutas por liberdade, igualdade e dignidade, reconhecendo o negro como um povo que contribuiu significativamente na construção do nosso país, não apenas através mão de obra, mas também por meio da riqueza cultural e do saber intelectual.

### **Referências**

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, IRAY. BENTO, Maria Aparecida Silva. *Psicologia Social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo. USP, 1972.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, Suely Dulce. A representação do negro na literatura brasileira. *Novas perspectivas*, v. 7, n 01, 2004a, p 103-113.

GARCIA, Renísia Cristina. *Identidade fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira: 1993 – 2005*. Brasília: INEP, 2007.

BRUNER, Jerome. *A cultura da Educação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

LAGE, Nildo. *Sou negro*. Recife: Prazer de ler, 2008.

LINDEN, Sophie Van Der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosacnaify, 2011.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.